

PERSONA

com **Marcos Sorrentino**

Militante por natureza

Coordenador do Laboratório de Educação e Política Ambiental da Esalq, Marcos Sorrentino fala sobre a dedicação às questões ecológicas e a respeito da sindicância na qual está envolvido na universidade

Rodrigo Alves
rodrigoalves@jpjournal.com.br

Há cerca de três décadas trabalhando no Departamento de Ciências Florestais da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Marcos Sorrentino, que atualmente está envolvido em uma sindicância na universidade a respeito de um episódio com representantes do MST, é o entrevistado da seção Persona desta edição do Jornal de Piracicaba. Filho primogênito da professora de música Phelomena D'Urso Sorrentino e do contador, comerciante e corretor Waldemar Sorrentino, ambos falecidos, nasceu no dia 7 de junho de 1957 na capital paulista. Mudou-se para Piracicaba em 1988, para ser professor da Esalq, onde coordena o OCA (Laboratório de Educação e Política Ambiental). Graduado em biologia e pedagogia, tem mestrado e doutorado em educação e pós-doutoramentos na psicologia social e em desenvolvimento sustentável. Casado com a artista educadora ambiental Simone Portugal, é pai de cinco filhos. Foi diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente de abril de 2003 a junho de 2008. De outubro de 2012 a março de 2014, foi assessor especial do ministro da Educação, para a construção da política ambiental do MEC. Em entrevista à reportagem do JP, Sorrentino falou sobre a carreira, a situação na Esalq e como o tema meio ambiente é tratado na sociedade.

Como se deu seu envolvimento com as questões ecológicas?

Meu definitivo envolvimento ocorreu nos anos 70, quando meus pais saíram da zona leste da cidade de São Paulo e foram morar no município vizinho de Embu das Artes. Tinha 15 anos de idade e além de ter a alegria de um maior convívio com as árvores e a terra, tive contato com os Voluntários Defensores da Natureza e com a literatura da Ordem do Graal na Terra, que valorizavam muito a ação cidadã em defesa da vida em toda a sua diversidade. Comecei a escrever cartas em defesa de espécies animais ameaçadas de extinção e quando o Diário Popular, se não me engano, publicou uma delas, na coluna do leitor, em defesa das baleias, fiquei muito

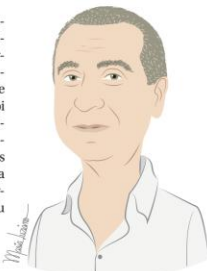
feliz e isso começou a orientar as minhas opções de estudo. A morte de Vladimir Herzog na prisão e as informações que meu pai trazia sobre a censura no Estadão (ele foi funcionário de escritório desse grande jornal que ele tanto admirou), fizeram cair as vendas que onublavam a nossa percepção com discursos do tipo "Brasil, ame-o ou deixe-o" ou, "É preciso integrar para não entregar". Sempre incentivando um espírito desenvolvimentista que ignorava a corrupção e elegia como o inimigo comunista qualquer voz dissonante. Quando entrei na universidade, em 1976, comecei a participar do movimento estudantil e logo em 1977 criei uma entidade ambientalista, a Apasc (Associação para Proteção Ambiental de São Carlos), que existe e está muito ativa até hoje. Desde então, tenho atuado na construção de pontes entre os campos conservacionista e os das ecologias profunda e política. A elas, passei a somar, ainda neste período de graduação, pontes com o campo da educação.

Na educação básica, acompanha o que tem sido feito para a conscientização das crianças? Vislumbra, de fato, um futuro promissor?

Não vislumbro um futuro promissor a manter-se essa perspectiva de ações pulverizadas, prescritivas e livrescas. Nunca se falou tanto de meio ambiente como nos dias atuais e nunca se degradou tanto como agora. Falar não é suficiente para a mudança de comportamentos e principalmente de valores. São necessárias políticas públicas comprometidas com o envolvimento de todos os atores sociais responsáveis pela formação de nossas crianças. É preciso a compreensão de que cada criança que nasce é um presente para a humanidade e que ela precisa ser muito bem recebida por todos os humanos que aqui estão. Acaba-se por entregar as crianças às escolas e repassar a responsabilidade para as professoras e professores, não dando a eles nem a oportunidade para pensarem e nos dizerem o que precisariam para bem educar os nossos filhos.

O meio ambiente está, atualmente, integrado ao cotidiano da sociedade?

Se você interpreta meia



ambiente como natureza, absoluta e definitivamente não! Cada vez nos distanciamos mais da natureza exterior e interior. Nos alienamos em relação a conhecimentos básicos conquistados pelo diálogo. Tu, como dele escreve Martin Buber. Diálogo consigo próprio e com o outro, seja o outro uma pessoa, um ser vivo ou inanimado ou mesmo Deus. Nos afundamos nos simulacros da realidade virtual, no individualismo e na compreensão segmentada do mundo. Se você interpreta meio ambiente como a questão ambiental, a problemática socioambiental, certamente ele ganhou visibilidade e está mais presente como variável para tomada de decisões. Pode-se dizer que, após mais de 400 anos de modernidade que foi obscurecendo a necessidade de dialogar com as variáveis ambientais nas tomadas de decisão, após a segunda guerra mundial e após a chegada à lua, percebeu-se a finitude da Terra e a necessidade de conservar os sistemas naturais de suporte à vida, bem como a importância da diversidade em todas as suas dimensões, para a própria sobrevivência humana.

O senhor atuou diretamente nos governos dos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff na construção de políticas ambientais. Como avalia, hoje, as ações desenvolvidas pelo atual governo?

O desgoverno foratemeu? Não o considero um governo legítimo. Fruto de um golpe, apouso-se do poder central no país, por meio de um conluio parlamentar-jurídico-midiático, a serviço de forças do sistema financeiro internacional, e trouxe o que há de mais sombrio em termos de política pública, resgatando as piores tradições coronelistas e corruptas que já vivemos na história deste país e da humanidade. No campo ambiental, posso di-

zer que nós, ambientalistas, ecosocialistas, éramos minoria no governo Lula e éramos menores ainda no governo Dilma. Tínhamos e temos diversas críticas à perspectiva desenvolvimentista que era central nesses governos, mas conseguimos diversos avanços e tínhamos arenas de diálogos e possibilidades de pactuar. Quando fui diretor de EA do Ministério do Meio Ambiente, durante a gestão da ex-ministra Marina Silva, de 2003 a 2008, tive todo apoio dela e da presidência da república para implantar uma política participativa e estruturante de EA no país. Os recursos no orçamento da União eram pequenos, a burocracia para a sua gestão pelo estado brasileiro era enorme, mas tínhamos autonomia para encontrar soluções que fortalecessem a EA enraizada.

Hoje, virou tudo barganha pela manutenção no poder relacionado à manutenção de privilégios pessoais e de grupos. Entrega-se a soberania nacional, entregam-se nossa natureza. Comprometem-se as possibilidades de futuro. O atual ministro de meio ambiente, apesar de pertencer a uma das dinastias do atraso neste país, tem sido um defensor de causas ambientais e, segundo depoimentos que tenho de colegas que com ele trabalharam e trabalham, tem feito o que pode para a agenda ambiental colocar alguma resistência à destruição em pauta.

No mês passado, a Esalq abriu uma sindicância em que o senhor está envolvido. Para que as pessoas entendam melhor o episódio: em abril deste ano, houve um evento que mobilizou a comunidade acadêmica e representantes do MST. No que consistia a atividade que ocorreu no gramado central da Esalq?

O evento realizou-se pelo quarto ano consecutivo na Esalq — a Jura (Jornada Universitária pela Reforma Agrária). É um evento nacional, proposto pelo MST e acolhido na Esalq por um grupo de organizações e pessoas lideradas pelo saudoso professor Paulo Kageyama. Neste ano, foram dois dias de atividades, ocupando anfiteatro de dois departamentos e outros espaços. Dentre eles, o gramado central da Escola, com duas oficinas, uma de teatro, sob a responsabilidade do núcleo do Tusp, e outra de construção de barra-



Foto: Amanda Vieira/JP

co de lona preta, sob a coordenação do MST da região de Piracicaba. O objetivo dessas jornadas e de cada atividade dentro dela é levar ao conhecimento da comunidade universitária o que é a reforma agrária e a atuação dos movimentos sociais do campo que a reivindicam.

O senhor utiliza o termo "triagem ideológica" para se referir ao episódio. O que lhe levou a esta conclusão?

Outros inúmeros eventos são feitos na Escola, inclusive no gramado central, sem haver "denúncias" que a Esalq está sendo invadida. Conversei nesta semana com o diretor e o vice e eles foram muito claros em seus argumentos sobre a obrigação administrativa que tinham de abrir a sindicância, especialmente pelo fato das pressões nesse sentido, que sofreram de setores que interagem com a Escola. A minha compreensão é que a triagem ideológica ocorre exatamente nesses setores retrógrados que pressionam a Diretoria. Uma Instituição como a Esalq tem que atender também os setores comprometidos com a agricultura familiar e com a agroecologia e neste campo um importante interlocutor são os movimentos sociais em luta pela reforma agrária, dentre os quais destaca-se o MST. Se a nossa elite não compreender a importância de abrir este importante patrimônio público, a Universidade, para a diversidade de demandas da sociedade, os conflitos serão permanentes, pois estão batendo todos os dias em nossas portas, nas esquinhas, nas calçadas embaiados dos viadutos, nas margens das estradas. Eu prefiro que eles venham à Universidade de forma organizada, em cursos e oficinas, em pesquisas e atividades de extensão.

À época em que a oficina foi realizada, foi divulgada na internet uma foto com a informação de que havia invasão ao gramado da Esalq pelo MST. O senhor acredita que este fato contribuiu, de alguma forma, para a sindicância aberta pela instituição?

Sim. Foi exatamente este fato que deflagrou a sindicância, que espero seja arquivada a partir do reconhecimento

to de que não havia tal invasão e que utilizar-se um pretexto burocrático (aprovação do evento em instância administrativa) para a justificar, apenas busca esconder a sua verdadeira motivação ideológica. E isto não contribui para o diálogo e para a efetiva abertura da Universidade às demandas de amplas parcelas da sociedade que desejam fazer agroecologia e produção de alimentos saudáveis, com inclusão social.

Em 2018, o senhor completa 30 anos de atuação na Esalq. Em algum momento de sua carreira na instituição já passou por algo semelhante à sindicância aberta recentemente? Como se sente tendo de passar por um procedimento como esse?

Por sindicância nunca passei. Por algumas ameaças, sim. Todas elas circunstanciais e tranquilamente superadas pela alegria de encontrar uma juventude e colegas de trabalho que buscam o conhecimento para responder a indagações pessoais e coletivas sobre como acabar com a fome na humanidade, como garantir condições dignas de existência (teto, terra e trabalho, como diz o papa Francisco) e incentivo ao amadurecimento espiritual de todos os seres humanos, como fomentar uma cultura de procedimentos democráticos que inclua a todas as pessoas em toda a sua diversidade, como incluir os animais e as plantas em uma nova ética do cuidado, que coloque as responsabilidades dos seres humanos para com todos os demais seres com os quais compartilhamos a terra. Enfim, estes 30 anos de Esalq/USP reforçaram a minha convicção sobre a sua missão de estar a serviço de toda a sociedade. Acredito que os setores mais resistentes a isto se sensibilizarão, mais cedo ou mais tarde, pelo grito dos excluídos e por um processo interno de rebelião em relação ao acomodarse, ao fechar os olhos para o Outro. Os tempos sombrios que estamos vivenciando servirão para desvelar e desvendarem os sentidos existenciais mais profundos que podem pautar esta nossa tão breve e efêmera vida aqui na Terra. (Colaboração Sabrina Franzol). Leia a íntegra da entrevista em jornaldepiracicaba.com.br

